

**PROJETO PEDAGÓGICO, ENSINO DE HISTÓRIA E INTERDISCIPLINARIDADE:
SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA**

**PEDAGOGICAL PROJECT, TEACHING HISTORY AND INTERDISCIPLINARITY:
BLACK CONSCIOUSNESS WEEK**

José Luiz Xavier FILHO¹

RESUMO: A prática de trabalhar com projetos é fundamental para a integração e desenvolvimento dos conhecimentos e competências dos alunos e alunas, promovendo uma efetiva interdisciplinaridade. Desenvolver um projeto pressupõe produzir um novo conhecimento com base em um conhecimento anterior. Partindo desse pressuposto, expomos, nesse artigo, o Projeto Pedagógico realizado na Escola Municipal Cordeiro Filho, localizada no município da Lagoa dos Gatos, Pernambuco, durante a Semana da Consciência Negra. Diante da complexidade do tema e da percepção do desafio em lidar com esta realidade na sala de aula, o grupo de professores do Ensino Fundamental dos Anos Finais, optou por desenvolver o projeto interdisciplinar liderados pela disciplina de História, aplicados em todas as turmas do 6º ao 9º ano, envolvendo toda a escola, inclusive os demais funcionários. Assim, professores e professoras puderam desconstruir antigos conceitos e inovar com outros, numa discussão voltada à História e Cultura Afro-brasileira, de forma a contribuir para que a escola se torne um espaço de direito democrático, plural e reconhecedor da diversidade cultural e religiosa.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto Pedagógico; Ensino de História; Cultura Afro-brasileira.

ABSTRACT: The practice of working with projects is fundamental for the integration and development of the knowledge and skills of students, promoting an effective interdisciplinarity. Developing a project presupposes producing new knowledge based on previous knowledge. Based on this assumption, we expose, in this article, the Pedagogical Project carried out at the Municipal School Cordeiro Filho, located in the municipality of Lagoa dos Gatos, Pernambuco, during Black Awareness Week. In view of the complexity of the theme and the perception of the challenge of dealing with this reality in the classroom, the group of teachers of the Elementary School of the Final Years, opted to develop the interdisciplinary project led by the discipline of History, applied in all classes of the 6th. to the 9th grade, involving the entire school, including the other employees. Thus, teachers were able to deconstruct old concepts and innovate with others, in a discussion focused on Afro-Brazilian History and Culture, in order to contribute for the school to become a space of law, democratic, plural and recognizing cultural and religious diversity.

KEYWORDS: Pedagogical Project; History Teaching; Afro-Brazilian Culture.

Introdução

¹ Professor de História da Escola Municipal Cordeiro Filho. Lagoa dos Gatos – PE – Brasil. E-mail: jlxfilho@hotmail.com

Os estudos históricos são fundamentais para a construção da identidade social do indivíduo, uma vez que podem possibilitar a percepção dele como sujeito e agente da História ao identificar as relações dos diferentes grupos humanos em tempos diversos.

É fundamental que desde o início da escolaridade os discentes possam perceber a pluralidade e a diversidade das experiências individuais e coletivas, compreendendo-as no constante processo de mudança e permanência, adquirindo a habilidade de analisar as relações, as diferenças, as semelhanças e as desigualdades.

Não podemos perder de vista a História como um processo, algo em construção permanente, do qual participamos. Todos nós somos sujeitos da História, por isso nos voltamos para a experiência do discente. Partimos da realidade que lhe é a mais próxima, espaço em que a socialização tem seu início, quer seja em casa, na escola ou no bairro. É importante ressaltar que essa história vivenciada não é um fim, mas um princípio de reflexão, que usa a pesquisa como um instrumento valioso para a formação do aluno.

O ensino de História deve oferecer ao aluno um estímulo para compreensão da realidade. É importante que ele seja motivado a falar, expor suas ideias sobre variados assuntos, debatê-los com os colegas, reformulá-los. Dessa maneira, perceberá que existem abordagens diferentes das suas e poderá passar a respeitá-las. Como consequência disso, aumentará o número de informações que possui, construindo e ampliando cada vez mais o próprio conhecimento.

Logo, os docentes não devem esperar que todos os alunos tenham noções parecidas ou mesmo uniformes sobre os diferentes conteúdos trabalhados em sala de aula. Para desenvolver o trabalho, deve considerar a premissa de que os alunos são produtores do próprio conhecimento e, partindo desse pressuposto, devem conduzir as ações e propostas no sentido de deixá-los em condições de mobilizar os conhecimentos adquiridos anteriormente para resolver novas questões e que, de alguma forma, sejam motivados a ir além. Entendemos que ensinar, estudar e aprender História exige reflexão diante dos fatos apresentados, uma vez que o conhecimento histórico nunca estará pronto, à medida que novos dados e enfoques contribuirão constantemente para a sua construção.

Sabendo de algumas dificuldades que os docentes encontram para desenvolver o trabalho com a disciplina História, neste artigo, elaboramos algumas sugestões e compartilhamos do projeto pedagógico que foi vivenciado no ano letivo de 2019 com alunos do Ensino Fundamental dos Anos Finais, da Escola Municipal Cordeiro Filho, localizada no município da Lagoa dos Gatos, Pernambuco, com o seguinte título: “Educação não tem cor e respeite nosso axé: viver com igualdade é saber respeitar as diferenças”.

Para termos um embasamento teórico e profundo, dentro do que queríamos realizar, foram feitas muitas pesquisas documentais² (fontes primárias ou secundárias – bibliográficas) e descritiva, recorrendo ao método observacional e do tipo exploratória, pois esteve sujeita a entrevistas junto aos alunos e professores, adeptos ou não do Candomblé³.

Com bases epistemológicas (teoria-conhecimento-lógica), a pesquisa inicial teve como introdução, aspectos conceituais sobre alguns termos comumente utilizados no candomblé, como irmandade, nação, orixá, umbanda, terreiro, sincretismo religioso. Também alguns outros como: racismo, tolerância religiosa, laicidade. Foi necessária uma abordagem sobre a resistência identitária dos possíveis adeptos, da mesma forma que das resistências ao estudo e conhecimento de uma das origens da formação do povo brasileiro: a africana.

Aplicamos questionário com professores, gestores e alunos da escola; em todas as etapas foram realizadas culminância, assim como a análise dos livros didáticos de História escolhidos por esta unidade. Também foi significativa a visita em terreiros de Candomblé para perceber o envolvimento de crianças e adolescentes na religião e que estejam cursando o Ensino Fundamental dos Anos Finais.

Distribuídos os questionários e realizadas as entrevistas, a intenção foi chegar o mais próximo da realidade e fazer com que o estudo fosse útil aos docentes e ao meio acadêmico de uma maneira geral, uma vez que servirá de referência para a realização de futuros projetos. Os dados e informações obtidos nesta primeira etapa da pesquisa, foram de grande valia e utilidade para uma profunda reflexão e tomada de atitude por parte da escola e da comunidade com esta temática. Importante salientar que mais de 45% da escola é composta por alunos negros/as ou pretos/as e pardos/as.

Fundamentação Teórica

Os currículos escolares, tradicionalmente, trabalham a História positivista do Ocidente, limitados por uma visão eurocentrista, e quase sempre tratou como não relevante a história de outras regiões. Esse olhar, que tem subordinado e diminuído a importância de outros povos e

² A pesquisa documental caracteriza-se por utilizar-se de documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Por sua vez, as fontes secundárias são as que são obtidas de livros, revistas, jornais, publicações avulsas e teses e dentre as fontes secundárias, situam-se os arquivos da iconografia, os quais também serão utilizados para o estudo (LAKATOS, 1995).

³ Religião africana introduzida no Brasil nos primórdios do século XIX pelos nagôs, bantos etc., através do tráfico de escravos, e que em suas cerimônias públicas ou secretas demonstra uma forte ligação com os ancestrais e as forças da natureza. Atualmente, essa religião está muito modificada em decorrência do contato com outras culturas religiosas, como a indígena e a branca, contribuindo para a criação do sincretismo religioso brasileiro (HOUAISS, 2001).

que apresenta a Europa como eixo do movimento evolutivo, foi impulsionado desde a Antiguidade, época em que a região mediterrânea era definida como o centro do mundo.

A África desde então, passou a ser vista como distante, como a região dos “homens de faces queimadas” (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2004, p. 56). Daquele período até o final da Idade Média, especialmente com a religiosidade cristã medieval, ganhou impulso a associação da cor negra/preta ao pecado e ao demônio, firmando a visão preconceituosa em relação aos povos africanos.

Fortalecendo essa visão de “inferioridade” da África, apontada como a região do mal, havia ainda uma passagem bíblica do Gênesis, a qual Del Priore e Venâncio (2004, p. 59) fazem menção:

Cã, segundo filho de Noé, exibiu-se diante de seus irmãos, gabando-se de ter visto o sexo de seu pai, quando esse se encontrava bêbado. Para castigá-lo, o patriarca amaldiçoou Canaã, filho de Cã; ele e sua descendência se tornariam servidores de seus irmãos e sua descendência. Eles migraram para o sul e para a cidade das sexualidades malditas: Sodoma. Depois atingiram Gomorra. Lendas contam que os filhos dos filhos dos amaldiçoados foram viver em terras iluminadas por um sol que os queimava, tornando-os negros.

A ideia de supremacia europeia e conseqüente inferioridade de outras culturas, especialmente as africanas, consolidou-se durante a Idade Moderna, quando a Europa passou a centralizar o poder econômico, político e militar mundial. Por séculos prevaleceu a mentalidade de enquadrar os africanos num grau inferior da escala evolutiva, a mesma que classificava os vários povos em avançados e atrasados ou civilizados e primitivos.

Além dos indisfarçáveis interesses de conquista, exploração e dominação, esse discurso tradicional encobria as diversidades e características próprias dos povos africanos, decorrentes de milênios de sua história. Ao contrário do que prega essa versão estereotipada das populações e da cultura africana, o continente foi palco de uma ampla e complexa diversidade histórica, cultural e religiosa, que começa com os primórdios da humanidade.

Os africanos que vieram para as Américas na condição de escravizados, embora no mesmo período colonial tenha havido uma pequena imigração de africanos livres, provinham de diferentes povos que pertenciam a variadas culturas. As suas práticas religiosas eram, em alguns casos, assemelhadas e, em outros, bastante diferenciadas.

Grande número de africanos e seus descendentes, porém, buscaram recriar suas religiões de origem, formando grupos para a prática religiosa dos rituais e para a transmissão das tradições. Esses grupos se autodenominaram nações e os nomes adotados se referem às etnias, cujas culturas são predominantes entre eles. Logo, as religiões de matriz africana foram incorporadas à cultura brasileira desde há muito, quando os primeiros escravizados

desembarcaram no país e encontraram, em sua religiosidade, uma forma de preservar suas tradições, idiomas, conhecimentos e valores trazidos da África.

E assim como tudo que fazia parte deste universo, tais religiões, apesar de sua influência e importância na construção da cultura nacional, também foram perseguidas e, em determinados momentos históricos, até proibidas. Atualmente, os ataques mais expressivos às religiões de matriz africana vêm das chamadas religiões neopentecostais⁴, que comumente as rotulam de “culto aos demônios”, “crendices” e “feitiçarias”.

As religiões afro-brasileiras já há muito são discriminadas e associadas a uma cultura inferior, quando não ao próprio mal, ao demônio. Já nas primeiras pesquisas sobre a cultura afro-brasileira, ou sobre o negro no Brasil, realizadas por Nina Rodrigues (2010) e Arthur Ramos (2001), ambos médicos, mas que se empenharam em investigar as raízes do povo negro no Brasil, percebe-se o tom pejorativo ou negativo dado à cultura dos africanos. Exemplo disso é quando Nina Rodrigues (2010, p. 242) refere-se a Olorum, criador do mundo, conforme a mitologia dos Orixás, como uma “concepção da minoria inteligente”. Ao mesmo tempo em que os autores se referem à fé africana como fetichismo⁵. Em nota, Adriana Lima (2016, p. 80) atribui que:

O termo é utilizado tanto na obra de Arthur Ramos quanto na de Nina Rodrigues. Origina da palavra feitiço, o que nos remete a utilização do termo na Idade Média, que estava ligada à bruxaria, que se relaciona mais com o demônio que com a fé, dando a entender que as tradições religiosas de origem africana estão relacionadas ao mal. Na África, a conotação da palavra está relacionada aos deuses particulares.

As teses desenvolvidas por esses autores irão embasar todo um discurso preconceituoso e discriminatório que reflete a sociedade do final do século XIX e início do século XX, mas que perpassa até nossos dias.

Mesmo com uma mudança no contexto referencial histórico de autores mais contemporâneos, que tratam sobre nossas raízes africanas, a exemplo de Roger Bastide (1971; 2001), José Beniste (2014) e Reginaldo Prandi (2001), os quais dão ênfase à mitologia dos orixás, e esclarecem sobre esse panteão, e outros tantos que debatem sobre racismo, como o clássico *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem* de Oracy Nogueira

⁴ O Neopentecostalismo ou Terceira Onda do Pentecostalismo é uma vertente do evangelicalismo, conglomerando igrejas do movimento de Renovação Cristã. Os fiéis neopentecostais acreditam na palavra pós-bíblica dos dons do Espírito Santo, incluindo glossolalia (falar em línguas), cura e realização de profecias. Eles praticam a imposição de mãos buscando a atuação do Espírito Santo (MARIANO, 2007). No Brasil, as igrejas com maior representação no movimento neopentecostal são a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja Renascer em Cristo

⁵ Culto de objetos que se supõe representarem entidades espirituais e possuírem poderes de magia (HOUAISS, 2001).

(1954-1985), vivenciamos em pequenos ou grandes espaços, as práticas de intolerância religiosa e os discursos de ódio das mais diferentes maneiras.

Coube em nossa discussão, também, a utilização de referenciais básicos, como as obras *Branços e Negros em São Paulo* e *O negro no mundo dos brancos* de Florestan Fernandes (2007) e *Casa grande e senzala* e *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano* de Gilberto Freyre (2006a; 2006b), os quais debatem acerca do mito da democracia racial no Brasil. Embora Freyre não tenha abordado esse conceito em sua obra *Casa grande e senzala*, suas publicações posteriores, como, por exemplo, em *Interpretação do Brasil* e *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*, trazem essa discussão. Já em *Mudanças sociais no Brasil: Aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira* de Fernandes, investe na teoria de que a democracia racial seria uma falsa verdade em nosso país.

Assim visto, também, nas pesquisas, há algumas décadas o livro didático não é um instrumento moderno, estudos comprovam que, na metade do século XVI, já existia uma preocupação em adotar livros adequados para a prática de transmissão de conhecimentos. No Brasil, o livro didático é controlado pelo Estado através da legislação desde 1938, pelo Decreto n. 8.469.

Não obstante, os livros têm mudado no século atual, assim estes instrumentos didáticos só podem ser adotados com a autorização do Ministério da Educação, ou seja, o livro deve cumprir o papel de estimulador da cidadania, produzindo efeito contrário a todo e qualquer tipo de preconceito e discriminação dentro ou fora da escola como se tem registro de imagens de livros didáticos dos anos 1940 em que o indígena era visto como passivo, inferior (BITTENCOURT, 1993). Por sua vez, os negros eram apresentados sempre em trabalhos “pesados” no campo, disseminados a indicar dificuldades na aprendizagem, quando as pesquisas dos anos 1940 e 1950 já mostravam visões, se bem que isoladas ideologicamente, de grandes destaques na sociedade brasileira quer seja na arte, no teatro, nas grandes obras, na literatura, e outros campos (NASCIMENTO, 2017).

Isso quer dizer que está presente na maioria dos livros didáticos formas de discriminação ao negro, além da presença de estereótipos que equivalem a uma espécie de rótulo utilizado para qualificar de maneira conveniente grupos étnicos, raciais ou, até mesmo, sexos diferentes, estimulando preconceitos, produzindo assim influências negativas, baixa autoestima às pessoas pertencentes ao grupo a que foram associadas tais "características distorcidas".

Por ser o principal portador de conhecimentos básicos das variadas disciplinas que compõem o currículo dentro das escolas, o livro didático torna-se um dos recursos mais usados em sala de aula e um instrumento pedagógico bastante difundido, por isso facilita a ação da classe dominante de registrar como quer e como lhe convém a imagem do negro na sociedade brasileira.

Coube ao professor ter a preocupação com a forma pela qual o conteúdo histórico é exposto nos livros didáticos, na medida em que possam contribuir para combater as abordagens incompletas e estereotipadas das imagens dos afrodescendentes. Ora, por estranheza, desconhecimento e discriminação, em sala de aula observa-se uma recusa constante, uma negação por esse conteúdo e esse diagnóstico é visível, vindo de professores ou estudantes.

Toda essa ignorância com relação a essas culturas gera um ambiente propício para intolerância, proporcionando sofrimento aos praticantes das religiões de matriz africana e a todos aqueles/as que fazem parte da população negra, que têm o seu direito de pertença e identidade racial muitas vezes negado em função do racismo.

Logo, trabalhar e abordar esses conteúdos nos espaços escolares, dando ênfase ao Ensino Fundamental dos Anos Finais, que foi o campo desse projeto, é de profunda importância. Isto é, tudo que foi abordado durante o tempo de execução e a culminância, tem como objetivo analisar as possibilidades do professor em sala de aula para o entendimento e aplicação da Lei n. 10.639/2003 e a história e a cultura afro-brasileira, de modo a articular com as experiências vividas em sala de aula, através da interdisciplinaridade, como expressar resultados que se processam com essas turmas. Foi proposto também abordar a cultura, e nesse contexto, as religiões de matriz africana, na percepção de significados dessa matriz na construção do ser brasileiro, em reflexão que se volte à formação dos estudantes nesse nível de ensino. Assim, professores e professoras podem desconstruir antigos conceitos e inovar com outros, numa discussão voltada a essas religiões, de forma a contribuir para que a escola se torne um espaço de direito, democrático, plural e reconhecedor da diversidade cultural e religiosa.

Considerações gerais sobre o ensino de História

Debate-se principalmente sobre o papel da escola no desenvolvimento de um de seus propósitos educativos quanto à formação de alunos críticos, autônomos e participantes. A sala de aula não pode mais ser vista apenas como um espaço onde há transmissão de informações

e conteúdos, mas como o ambiente onde a troca entre os alunos pode e deve construir novos sentidos para a vida.

Tornou-se, pois, fundamental refletir e debater sobre os objetivos do estudo da História e o seu processo de ensino e aprendizagem na escola, uma vez que, ao longo do tempo, a disciplina cumpriu diferentes papéis na formação escolar. Ensinar História passa a ser, então, fornecer condições para que o aluno possa participar do processo de fazer história, principalmente pela valorização da diversidade dos pontos de vista.

É fundamental a percepção tanto dos professores como dos alunos da importância do conhecimento da própria formação histórica e política, em que normalmente permanecem vários aspectos de grande resistência às mudanças, desvalorização da memória, manutenção de preconceitos raciais, entre outros.

O historiador francês Marc Bloch, um dos fundadores da Escola de Annales, considerado por muitos como o maior historiador do século XX, iniciou a obra *Apologia da História* ou *O ofício de historiador*, a partir da pergunta de seu filho ainda criança sobre a função da História, sobre a reflexão provocada por esta pergunta.

“Papai, então me explica para que serve a história?”. Assim um garoto, de quem gosto muito, interrogava há poucos anos um pai historiador. Sobre o livro que se vai ler gostaria de poder dizer que é minha resposta. Pois não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares. Mas simplicidade tão apurada é privilégio de alguns raros eleitos. Pelo menos conservarei aqui de bom grado essa pergunta como epígrafe, pergunta de uma criança cuja sede de saber eu talvez não tenha, naquele momento, conseguido satisfazer muito bem. Alguns, provavelmente, julgarão sua formulação ingênua. Parece-me ao contrário, mais que pertinente. O problema que ela coloca, com a incisiva objetividade dessa idade implacável, não é nada menos que o da legitimidade da história (BLOCH, 2001, p. 41).

Marc Bloch foi um dos pioneiros a se levantar contra a forma tradicional de entender a História como ciência que se ocupa em estudar o passado. Afirmando que somente o passado enquanto tal não poderia ser objeto de estudo de uma ciência, argumentava que a História deve ocupar-se em estudar também o tempo presente, contrariando a afirmação daqueles que interpretavam a disciplina como uma “ciência do homem”. Para esse autor, a História só poderia ser considerada como uma “ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2001, p. 55).

Bloch defendia que o tempo da História deveria ser pensado em termos de articulação que envolve *espaço* e *tempo* e pela ideia de que o presente é importante para compreensão de *passado* e vice-versa. Essa formulação aparentemente simples e altamente inovadora tomou

força por volta da década de 1940 e influenciou sobremaneira a produção historiográfica desde então.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (6º ao 9º ano) preconizam alguns objetivos gerais do ensino de História no Ensino Fundamental:

- Identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio, na localidade, na região e no país, e outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços;
- Situvar acontecimentos históricos e localizá-los em uma multiplicidade de tempos;
- Reconhecer que o conhecimento histórico é parte de um conhecimento interdisciplinar;
- Compreender que as histórias individuais são parte integrantes de histórias coletivas;
- Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidades e descontinuidades, conflitos e contradições sociais;
- Questionar sua realidade, identificando problemas e possíveis soluções, conhecendo formas político-institucionais e organizações da sociedade civil que possibilitem modos de atuação;
- Dominar procedimentos de pesquisa escolar e de produção de texto, aprendendo a observar e colher informações de diferentes paisagens e registros escritos, iconográficos, sonoros e materiais;
- Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade social, considerando critérios éticos;
- Valorizar o direito de cidadania dos indivíduos, dos grupos e dos povos como condição de efetivo fortalecimento da democracia, mantendo-se o respeito às diferenças e a luta contra as desigualdades. (PCN HISTÓRIA, 1998, p. 43)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam também que os temas transversais são definidos como questões de relevância social e que não devem ser abordados ou resolvidos a partir de uma única disciplina. Ou seja, para compreender e procurar soluções para os problemas abordados nos temas transversais, é preciso que se faça uma abordagem interdisciplinar, caso contrário, corre-se o risco da simplificação excessiva.

Desse modo, ainda atendendo às orientações do Ministério da Educação (MEC) para o Ensino Fundamental dos Anos Finais, é essencial que os estudos históricos estejam articulados com os temas transversais, privilegiando as relações de trabalho existentes entre os indivíduos e as classes, por meio do conhecimento sobre como se processam as produções, as comercializações e a distribuição de bens, as desigualdades sociais, as transformações das técnicas e das tecnologias e a apropriação ou desapropriação dos meios de produção pelos trabalhadores, e também, ater-se às diferenças culturais, étnicas, de idade, religião, costumes,

gêneros, as lutas e as conquistas políticas, travadas por indivíduos, por classe e movimentos sociais (PCN HISTÓRIA, 1998).

Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais propõem a discussão de temas transversais, tais como: ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, entre outros, que devem ser trabalhados de forma que envolvam as demais disciplinas, buscando a realidade vivencial um do outro.

As propostas pedagógicas das diferentes áreas do conhecimento devem ser elaboradas pelas instituições educacionais e devem ser capazes de refletir o projeto de sociedade local, regional e nacional desejado, a ser definido por cada equipe docente e gestores, em colaboração com representantes de pais e outros membros da sociedade.

Pode-se trabalhar de forma contextualizada e evitar a compartimentalização de conteúdos e temas, como também das demais áreas de ensino, ou seja, o tema transversal deve permear todas as disciplinas como um “assunto” e não como uma disciplina à parte, devendo ser trabalhado de forma coordenada.

A partir de temas transversais, o aluno terá uma visão mais ampla da realidade e, portanto, deverá desenvolver atitudes de cidadania, respeito ao próximo e ao ambiente, segundo uma visão crítica, de modo que possa interferir na realidade e transformá-la.

Projeto Pedagógico da Semana da Consciência Negra

O ensino de História nas escolas de Ensino Fundamental dos Anos Finais não pode se limitar a uma mera submissão ao conhecimento produzido pelos historiadores. Alunos e professores, geralmente, dialogam com os conhecimentos eruditos da História, produzem e (re)produzem conhecimentos históricos. Os professores, então, não são meros reprodutores de conhecimentos produzidos por pensadores que se encontram fora do ambiente escolar. A antiga noção de divisão do trabalho entre os que pensam e os que executam o pensado não se enquadra nesse caso.

Os professores cumprem um significativo papel de (re)produzir conhecimentos eruditos importantes para a sociedade, ao mesmo tempo, são pensadores que produzem conhecimentos no espaço escolar. Por isso mesmo, é muito importante que sejam valorizados e bem formados para desempenhar as inúmeras tarefas que lhe são atribuídas. O professor também atua para aumentar a abrangência da utilização de determinados conhecimentos apresentando novos desafios para ampliação e/ou aquisição de novas aprendizagens. Com base no contexto vivenciado pelos estudantes, o professor desafia, encoraja, esclarece e

oferece novas possibilidades para que sejam redirecionados, ampliados ou desenvolvidos novos enfoques sobre o conhecimento.

Na perspectiva da consciência histórica, o conhecimento histórico deve servir como uma ferramenta de orientação temporal que levaria a uma leitura do mundo no presente e embasaria uma avaliação quanto às perspectivas de futuro alicerçadas nas experiências humanas do passado. Desse modo, aqueles que desenvolveram a consciência histórica não conheceriam apenas o passado, mas utilizariam esse conhecimento como meio para auxiliar a compreensão do presente e/ou “antecipar”, no plano mental, o futuro em forma de previsão pertinente (MEDEIROS, 2006; BARCA, 2006).

É sob essa perspectiva que nos debruçamos sobre a relevância da abordagem do nosso objeto de estudo/projeto, tendo a consciência de que as culturas e religiões afro-brasileiras podem ser construídas em sala de aula através e, inclusive, a partir das narrativas de alunos e professores e, nesse sentido, diagnosticamos as discriminações históricas a respeito. Então, objetivamos promover uma educação ética que desenvolva a consciência de que a valorização do ser humano precisa ultrapassar as fronteiras da violência, do preconceito e do racismo.

Logo, o momento escolhido para a culminância do projeto foi o dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, porque nos deu uma visão geral da importante participação da cultura africana na formação da cultura brasileira, no que diz respeito à culinária, artesanato, ao vestuário e ao vocabulário africano que fazem parte do nosso dia a dia. Para tanto, cada turma teve suas respectivas funções, sempre orientados pelos seus professores, que determinaram as tarefas a cada um dos integrantes. Todas as áreas trabalharam com artesanato, pintura, dança e músicas africanas e todos os alunos negros/as/ ou pretos/as⁶ se apresentaram na execução do projeto trajados com o vestuário à moda afro-brasileira com suas tendências: cores, estilos e produtos.

Compartilhamos aqui nossos objetivos:

-Geral

- Trabalhar a cultura africana e afro-brasileira dentro da sala de aula do Ensino Fundamental dos Anos Finais, em função dos seus valores de vida e do desconhecimento sobre o assunto, combatendo, assim, o aumento da discriminação racial na escola, e expor o que foi aprendido através de um projeto realizado durante a Semana da Consciência Negra.

-Específicos

⁶ Utilizamos os dois termos respeitando conforme cada aluno se identifica e/ou prefere ser chamado.

- Ressaltar a contribuição das religiões afro-brasileiras na formação cultural da sociedade brasileira, e abordar as questões que se voltam para a percepção do lugar de exclusão ao qual foi relegada a cultura e as expressões religiosas cultivadas, aqui, pela população de origem africana desde as primeiras diásporas;

- Reforçar a importância da laicidade como instrumento necessário para defender os espaços públicos da intolerância religiosa;

- Analisar a Lei n. 10.639/2003, que versa sobre o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana, enquanto efetivação em sala de aula.

Considerando que este artigo tem por base o projeto que foi vivenciado, compartilhamos com os leitores a metodologia do nosso projeto, a interdisciplinaridade e a execução do mesmo:

- Justificativa:

A lei de nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, incluiu o dia 20 de novembro no calendário escolar, data em que celebramos o Dia Nacional da Consciência Negra. A mesma lei também tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Com isso, nós, professores, devemos inserir em nossos planejamentos aulas sobre os seguintes temas: História da África e dos africanos, luta dos negros no Brasil, cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Logo, devemos:

- Valorizar a cultura negra e seus afrodescendentes e afro-brasileiros, na escola e na sociedade;
- Desenvolver e ampliar a percepção de si enquanto sujeito negro, como parte primordial da cultura brasileira;
- Entender e valorizar a identidade negra;
- Redescobrir a cultura negra, embranquecida pelo tempo;
- Desmitificar o preconceito relativo aos costumes religiosos provindos da cultura africana;
- Trazer à tona, discussões provocantes, por meio das rodas de conversa, para um posicionamento mais crítico frente à realidade social em que vivemos.

-Proposta Metodológica

- O desenvolvimento do projeto estará em consonância com os blocos temáticos citados e será feito de acordo com as necessidades da turma e a realidade local, estabelecendo o problema e a proposta de conteúdo para a classe;
- Estimular o aluno a entrar em contato com músicas da cultura africana como o samba, a batucada, capoeira; e inserir nas atividades práticas coreografias fundamentadas nas raízes negras;

- Produção em artes com pintura sobre tema África, produção de maquetes e máscaras africanas trabalhando a geometria nos desenhos africanos;
- Incentivar a produção de poesias, documentários sobre negritude, vídeo com crianças negras da Escola;
- Explorar e trabalhar a teatralidade interpretativa de textos da cultura africana com encenações;
- Promover a realização de um ensaio fotográfico e um desfile para escolha da Beleza Negra/Preta da Escola Municipal Cordeiro Filho.

Importante deixar claro que os professores foram apenas os tutores, todo o protagonismo foi exclusividade dos alunos, o projeto foi feito e pensado para eles e assim foi executado.

-CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO (3 SEMANAS - 01/11/19 a 22/11/19)

HISTÓRIA

- Por que 20 de novembro? (Apresentação do projeto);
- Biografia de personalidades afrodescendentes e a história dos Quilombos (Zumbi dos Palmares).
- Analisar e explorar através de pesquisas o início do racismo no Brasil;
- Reconhecer a herança cultural dos negros;
- Refletir e opinar sobre o papel do negro na formação da nação brasileira;
- Debater temas como: Preconceito racial / O processo de abolição;
- Breve histórico do movimento quilombola (homenagem as comunidades quilombolas locais: Cavuco e Pau Ferrado) e elaboração do mural de fotos das respectivas comunidades (exposição na escola);
- Murais com Ativistas Negros (exposição na escola);
- Mural com exposição do panteão dos Orixás (exposição na escola);
- Encenação sobre ativistas negros, os mesmos usados nos murais (apresentação do projeto).

Sugestões e propostas de atividades de Integração das áreas de estudo, salientando a interdisciplinaridade do projeto:

LÍNGUA PORTUGUESA

- Leitura e produção de textos de diferentes gêneros sobre preconceito racial;
- Leitura de imagens: várias realidades vivenciadas por negros;
- Produzir, utilizando diferentes formas de expressão, textos individuais e coletivos sobre os debates e as reflexões do assunto;
- Leitura e produção de textos de diferentes gêneros sobre preconceito racial (exposição na escola);
- Poesias (apresentação do projeto);
- Estudo de Contos Africanos em sala de aula.
- Produção de Dicionário Afro-brasileiro em sala de aula (exposição na escola);
- Elaboração do painel com palavras de origem africana (exposição na escola);

- Poesia/Encenação – “Chamaram-me negra”
- Poesia/Encenação – “O meu cabelo não é ruim”

GEOGRAFIA

- Localizar comunidades negras no Brasil, mapeamento das comunidades remanescentes quilombolas atuais (elaborar cartazes, painel);
- Formação étnica do povo brasileiro;
- As migrações (translado África - Brasil);
- Apresentação de figuras ilustres negras e mestiças da história brasileira passada e atual, bem como de pessoas afro-brasileiras do convívio dos alunos;
- Contextualização de temas como: A África – Apartheid – Preconceito racial;
- Contribuições das civilizações africanas para a formação da sociedade brasileira.

CIÊNCIAS

- Genética dos negros (Presença ou ausência de melanina?);
- Doenças edênicas de origem africana;
- Leitura e análise de textos que refletem as condições subumanas vivenciadas por muitos negros em nosso país;
- Elaboração de um painel/mural sobre a alimentação de origem africana (exposição na escola);
- Mesa com pratos de origem africana (abrindo espaço para degustação através de lanche coletivo).

MATEMÁTICA

- Textos que retratem a discriminação racial contendo dados numéricos;
- Elaboração de questionário e realização de pesquisa sobre discriminação racial na escola e comunidade (aula externa);
- Trabalhar em sala de aula a história de Thomas Fuller, africano escravizado, matemático;
- Construção e análise de gráficos.

ARTE e EDUCAÇÃO FÍSICA

- Observar manifestações de arte realizadas pelos povos afro-brasileiros;
- Vivenciar através de músicas sobre o tema um pouco da cultura africana através do canto e de dramatizações;
- A influência africana na nossa culinária, na dança, na música, na vivência religiosa e no jeito de ser brasileiro;
- Apresentação de peças teatrais, fantoches, recitais, exposições.
- Danças Africanas (apresentação do projeto);
- Performance com músicas negras brasileiras (apresentação do projeto);
- Elaboração de máscaras africanas (exposição na escola);
- Para as performances da música brasileira (sugestões). Dentre as músicas aquelas que mais costumam agradar os alunos são: Mundo Negro (O Rappa); Pérola Negra

(Daniela Mercury); Mamma África (Chico César); Meu ébano (Alcione); A Loirinha, O Playboy E O Negão (Kelly Key); Olhos Coloridos (Sandra de Sá).

INGLÊS

- Identificação e tradução de palavras referentes aos seguintes temas: Pobreza, Discriminação e Injustiça;
- Trabalhar textos e músicas voltadas para os aspectos raciais;
- Utilizar em sala de aula músicas e clipes musicais de artistas negros (como por exemplo: Beyoncé, Rihanna, Whitney Huston, Michael Jackson, etc.) e trabalhar a tradução e significado das músicas para o povo negro;
- Estudar a vida de ativistas negros norte-americanos que influenciam o Movimento Negro no Brasil: Martin Luther King e Malcom X.

Culminância e Vivência: troca de experiências

A negritude, no território brasileiro é o principal alvo de várias formas de discriminação racial. Com a existência de poucas reações contrárias, essas relações ficaram profundamente naturalizadas nas práticas sociais. Em função do ocultamento do racismo, que nos discursos e nas práticas sociais negam sua existência, é extremamente necessário analisar os discursos, as ideologias e as identidades étnico-raciais construídas, difundidas e naturalizadas em nosso meio social. O fato acima mencionado é uma prática constante, embora se busque a sua invisibilidade.

A edição de 2019 foi um fato extremamente especial. Deixou sua marca em centenas de alunos, lembrando que a Escola Municipal Cordeiro Filho consta com aproximadamente 900 alunos, e visitantes, que ficaram encantados com energia que as pessoas levaram para a palco que foi montado no pátio da escola. Recebemos a visita da Secretária de Educação e boa parte de sua equipe.

Foi um momento de riquíssimas trocas de experiências, quando o público-alvo teve a oportunidade de expor sobre a sua negritude, no caso do negro/preto, e sobre o respeito, no caso das pessoas que não são negras. O projeto ocorreu exatamente como foi pensado, o protagonismo dos alunos afrodescendentes e um evento idealizado totalmente sob a ótica negra.

No pátio da escola ficaram centenas de pessoas que assistiram às atrações que eram apresentadas pelas crianças e adolescentes; pessoas que tiveram uma conscientização prévia, um trabalho vivenciado em sala de aula por todas as disciplinas. A semana contou com uma

vasta programação, com destaque para apresentação de poesias, cordéis, cartazes, músicas, depoimentos, capoeira, testemunhos, danças, encenações e sugestões para futuras estratégias para o sucesso prático do projeto da Consciência Negra.

Figura01. Abertura da culminância do projeto com a bênção de Iansã, Oxum e Iemanjá



Fonte: Arquivo do autor.

As atrações apresentadas no evento de 2019 contribuíram para aproximar a comunidade ao redor da escola, tendo em vista que é a única escola de Ensino Fundamental dos Anos Finais da zona urbana, assim também como os pais dos alunos, da cultura negra/preta, evidenciando sobre a sua força cultural. Na ocasião foram enfatizadas as belezas naturais dos negros/as ou pretos/as, a importância da preservação dos cachos e do cabelo crespo, o fim da ideia do “lápiz cor de pele” e a alegria da dança.

Cantaram sambas, pontos do Candomblé, roda de capoeira, o coco-de-roda, diversos testemunhos, recitaram poesias e tocaram instrumentos tradicionais cantando lindas canções. Foi extremamente positivo para todos os presentes, inclusive para as crianças negras/pretas, as quais participaram ativamente do evento. Vale ressaltar um dos pontos mais importantes da culminância, em que o panteão das divindades das religiões de matriz africana ganhou o

espaço escolar pela primeira vez na história da escola. Alunos candomblecistas puderam colocar suas indumentárias sagradas e desfilaram representando o seu orixá regente.

Figura 02. Aluna candomblecista se vestindo como seu Orixá de frente.



Fonte: Arquivo do autor.

Foi praticamente unânime entre as centenas de pessoas, ao afirmarem que se orgulhavam da sua cor e demais características genéticas. A perspectiva para o futuro é no sentido de anualmente aumentar o contingente de pessoas que assistem o evento e, principalmente, daqueles que participam diretamente, pois esses últimos tendem a trabalhar mais ativamente para alcançar os objetivos do projeto.

De modo geral, entre os municípios da região do agreste pernambucano, Lagoa dos Gatos se destacou em consolidar, pioneiramente, um evento nessa magnitude: empoderamento, protagonismo, feminismo negro, inclusão, equidade racial com grande aceitação popular, fruto desse projeto. A cópia do mesmo projeto foi pedida por dezenas de escolas da rede pública da região.

O estudante foi avaliado a todo momento, para isso, os professores observaram sua participação, interesse e apresentações dos trabalhos solicitados. Foi fundamental no processo

de avaliação, durante o desenvolvimento do projeto pedagógico, que fossem consideradas as ações procedimentais, conceituais e atitudinais de cada aluno.

Assim o projeto foi pensado e segue como exemplo para os interessados:

APRESENTAÇÃO DO PROJETO:

- DISCURSO DE MARTIN LUTHER KING (abertura)
- DANÇA AFRICANA
- POESIAS
- APRESENTAÇÃO DE MÚSICA BLACK, HIP HOP (convidados)
- POESIAS
- PERFORMANCE COM MÚSICA NEGRA BRASILEIRA
- BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO QUILOMBOLA (HOMENAGEM AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS LOCAIS: CAVUCO E PAU FERRADO)
- DANÇA AFRICANA
- POESIA/ENCENAÇÃO (CHAMARAM-ME NEGRA)
- PERFORMANCE COM MÚSICA NEGRA BRASILEIRA
- DANÇA AFRICANA
- DESFILE – PÉROLA NEGRA (VALORIZAR A BELEZA NEGRA DA ESCOLA)
- PERFORMANCE COM MÚSICA NEGRA BRASILEIRA
- ENCENAÇÃO (PERSONAGENS NEGROS DA HISTÓRIA DO BRASIL/ATIVISTAS)
- DANÇA AFRICANA (encerramento)

NA ESCOLA:

- EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS LOCAIS
- EXPOSIÇÃO DE ATIVISTAS NEGROS BRASILEIROS (Murais)
- PAINEL/MURAL COM COMIDAS DE ORIGEM AFRICANA
- MESA COM PRATOS DE ORIGEM AFRICANA (abrindo espaço para degustação através de lanche coletivo)
- PAINEL COM PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA (Tema: “Você sabia?”. Breve relato sobre a origem das palavras. Mural criativo com todas as palavras que os alunos conseguirem pesquisar)
- EXPOSIÇÃO DE MÁSCARAS AFRICANAS

É através da percepção de suas experiências de vida que o aluno pode incorporar com maior propriedade os saberes escolares de forma mais crítica e contínua, melhorando sua compreensão do mundo e ampliando sua ação e interação social. Desse modo, o estudo da História e, conseqüentemente, a vivência do projeto que foi realizado, deve partir da compreensão e reconstituição da vida cotidiana para que seja possível entender essa dimensão

na vida das outras pessoas e perceber que o homem, vivendo em sociedade, cria desde costumes pessoais até grandes ideias.

O conhecimento e a percepção dessa dinâmica possibilitam ao aluno buscar o entendimento da experiência humana no tempo, através da capacidade de análise, interpretação crítica, síntese e manejo de fontes informativas. Os objetivos da disciplina, de formar cidadãos críticos, junto ao projeto, não são novos. A constituição do pensamento crítico é uma meta necessária do espaço escolar e para a vida em sociedade.

Todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que podem ser questionamentos, confirmações, complementações, negações, ampliações, iluminações de aspectos não distinguidos. Assim, além de reconhecer as diferenças entre as áreas do conhecimento, é preciso identificar onde se encontram as zonas de interseção entre elas para localizar os pontos em comum.

Para que esse projeto acontecesse, foi preciso que o professor de cada área abrisse um espaço de diálogo com as outras disciplinas e identificasse no seu campo de estudo onde estão as aberturas que permitem incorporar as contribuições das outras áreas. A interdisciplinaridade busca, sobretudo, um ensino que concilie diferentes conceitos, de diferentes áreas. Desse modo, pode-se substituir a fragmentação pela interação, permitindo que o aluno aprenda a relacionar conceitos e, conseqüentemente, construa novos conhecimentos, com muito mais autonomia e criatividade.

Logo, é fundamental que os professores se preocupem, desde o Ensino Fundamental, em incentivar os alunos a construir relações entre os diferentes conteúdos presentes nas diversas disciplinas do currículo. Por exemplo, propiciar uma conversa de forma que percebam que a ciência também tem uma história, assim como o país, o estado ou a comunidade. Assim, o projeto pedagógico envolveu todas as disciplinas, não foi de caráter obrigatório, mas a aceitação dos demais professores foi imediata, e foi importante porque abriu novas possibilidades de aprendizagem aos estudantes sendo necessário considerar as metas desejadas e as condições para a realização da culminância do projeto.

Considerações Finais

No sentido do racismo ser desconstruído e combatido, primeiramente dentro do espaço escolar e logo em seguida ser expandido para a comunidade da cidade de Lagoa dos Gatos, a contribuição do Projeto da Consciência Negra é a de construir uma sociedade que abrace as diferenças, além de incentivar os negros/as ou pretos/as a se aceitarem plenamente, e que a

sociedade assim deva reconhecê-los e valorizá-los. Mas a luta contra o preconceito racial deve ser uma contínua missão em busca da libertação e da transformação social.

A partir dos primeiros momentos do Projeto da Consciência Negra, ainda em 2014, tendo em vista que o autor e idealizador do projeto, o professor José Luiz Xavier Filho, vem tentando e ampliando esse projeto que passou de um dia do ano citado, até a realização do evento em uma semana de culminância no ano de 2019, o grupo envolvido nesse movimento passou a enfatizar mais diretamente as questões relacionadas ao preconceito e a discriminação racial.

Posteriormente, existiu um constante trabalho no sentido de valorizar a luta do negro/preto por uma sociedade mais justa. Daí, houve um despertar do grupo que passou a incentivar as pessoas, principalmente na escola, onde praticamente não se discutia sobre o assuntos afro-brasileiros, para que o tema fosse posto no cotidiano escolar e, com naturalidade fosse conversado. Nesses diálogos escolares, buscou-se respostas de pessoas negras/pretas presentes, sobre os seus sentimentos e conflitos ao enfrentar uma sociedade preconceituosa.

Nos debates, algumas perguntas eram realizadas e direcionadas aos participantes, tais como: “por que não nos permitem ser negros?”, “por que não podemos assumir nossos traços, cabelos e cultura?”. Estas ficavam sem respostas dos participantes ou a reação era para explicar que não compartilhavam com esse tipo de atitude racista. No entanto, a verdadeira intenção das perguntas era servir para despertar as pessoas, que esse tipo de atitude não merece nenhum espaço no município da Lagoa dos Gatos.

Um dos pontos mais importantes e que nos serviu de incentivo para agir o mais rápido possível, foi quando fomos questionados por uma criança de 11 anos, cursando o 6º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais: “qual o lugar do meu sagrado dentro dessa escola que ninguém respeita?”. Surgindo assim a gênese do projeto: “Respeite nosso axé”. Não foi fácil levar adiante e dar vez e voz a um grupo invisibilizado, excluído e não respeitado. Por algumas vezes, muitos alunos negros/pretos preferiam não voltar mais para escola, lembrando que mais de 40% dos alunos dessa escola são de cor preta/parda.

Avançar na qualidade da educação brasileira mudaria as histórias de meninos e meninas de todo o país. Porém, existem histórias de vida mais perto, como nos espaços escolares em que trabalhamos, onde os alunos afrodescendentes lutam por vez e voz. A escola tem por obrigação de ser um espaço de direito, democrático, plural e diverso. No entanto, um salto coletivo depende do impulso de todas as crianças e jovens que compõem o corpo discente, e uns precisam de mais apoio que outros. Esse é o caso dos estudantes negros/pretos

e pardos que vivenciam a sobreposição de exclusões durante suas trajetórias escolares, marcadas por menores oportunidades para aprender, o que impacta seus projetos de vida.

Por isso, pensar em educação e projetos que a fortifiquem, já é fortalecer as referências negras/pretas na escola e no imaginário coletivo, dando visibilidades aos grandes expoentes na cultura e pensamento nacional e efetivando a Lei 10.639/2003, de ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes públicas e particulares da educação. A consciência de uma pessoa negra geralmente acontece, se acontecer, na fase adulta, após ela passar por muitos sofrimentos de negação de negritude, cabelo e cor da pele. Uma educação antirracista, que fale sobre a história afro-brasileira, contribui para, já nos primeiros anos de vida, mostrar que a população negra foi de extrema importância para acúmulo de desenvolvimento e riquezas no Brasil, à base de muito sofrimento, lutas e resistências, e no cenário cultural em relação às artes. Para os estudantes negros/pretos, uma educação básica antirracista traz autoestima e incentivo, e, para os brancos, consciência sobre racismo e seus impactos.

Na semana da Consciência Negra, durante a execução do projeto, o espaço escolar reúne o corpo docente da escola, a equipe administrativa, e todos os alunos dos dois turnos da escola (matutino e vespertino) expoentes negros/pretos das comunidades remanescentes quilombolas que fazem parte do município da Lagoa dos Gatos, o Quilombo Pau Ferrado e o Quilombo Cavuco, que conquistaram espaços de destaque em seus campos de saber com o apoio da gestão municipal, que nos deu todo suporte e apoio, e a Escola Municipal Cordeiro Filho, mostrando que oportunidades educacionais realmente equitativas exigem soluções afirmativas: políticas públicas educacionais que combatam o racismo e enfrentem o racismo estrutural. Do contrário, o potencial de centenas de crianças e jovens negros/pretos continuaram sendo subestimados e suas oportunidades sufocadas.

É notório que muitas pessoas negras não se afirmam como tal, se negam diante da sociedade, e, de maneira bem dolorosa, não se reconhecem como negro/preto na frente do espelho, portanto, não conseguem se afirmar. Infelizmente todas essas negações, têm um porquê ou vários porquês. A sociedade brasileira precisa e muito refletir e aceitar a naturalidade a negritude das pessoas, embora a cultura do preconceito e discriminação racial esteja secularmente entranhada na vida dos indivíduos. Embora diante das injustiças sociais históricas, o povo negro/preto deve se manter unido em busca desse grande ideal libertário. Não foi fácil os antepassados sobreviverem, e muito mesmo para nossas crianças e adolescentes da nossa escola, mas para isto foi preciso muita luta, mesmo enfrentando as limitações sociais e uma correnteza que nos puxa ao contrário.

Se realmente queremos construir uma sociedade igualitária, é necessário compreender qual o papel que cada estrutura socioeconômica desempenha na reprodução do racismo, a fim de desenhar estratégias eficazes para o seu enfrentamento. Nesse cenário, o combate à desigualdade racial na educação é essencial, enquanto elemento indispensável para qualquer mudança, de modo que sem uma educação efetivamente antirracista não é possível pensar em uma sociedade igualitária.

Obtivemos o apoio de todos os alunos, e parece ser surreal o que narramos, mas a escola em si abraçou a causa e paramos durante uma semana para culminância do projeto. É um passo simples para muitos, mas grandioso para uma escola que está inserida dentro de um município patriarcal, machista, intolerante com as religiões de matriz africana e homofóbico. Não resolvemos e nem findamos o preconceito e o racismo dentro o espaço escolar, isso seria utopia, mas estamos trabalhando a autoestima e valorização da cor com alunos que antes nem queriam ser chamados de negros/pretos e atribuíam sempre o uso da palavra “moreninho/moreninha”.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. *Literacia e consciência histórica*. Educar, Especial, p. 93-112. Editora UFPR. Curitiba, 2006.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1971. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).

_____. *O candomblé da Bahia*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENISTE, José. *Òrun Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a Terra*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese de doutorado em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1993.

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC/SEF, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF. 1998. Ensino de quinta a oitava séries*.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. *Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006a.

_____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano*. São Paulo: Global, 2006b.

- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- LIMA, Adriana Luzia. *Filhos-de-santo, história e candomblé: narrativa e experiência do Xangô em Alagoas*. Dissertação (mestrado em História). Maceió, Universidade Federal de Alagoas, 2016.
- MARIANO, Ricardo. Pentecostais em Ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros. In SILVA, Vagner G. da (Org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. *Manuais didáticos e a formação da consciência histórica*. Educar, Especial, p. 73-92. Editora UFPR. Curitiba, 2006.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: perspectiva, 2017.
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. In: *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1954-1985.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das letras, 2001a. 590p.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.